



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALEXANDRE SCHERER

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-526

Entrevistado: Alexandre Scherer

Nascimento: 28/10/1962

Local da entrevista: IPA – Centro Metodista Universitário de Porto Alegre

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 16/12/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 42 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *A história da disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação e iniciação no esporte; A prática do Handebol no Rio Grande do Sul; Competições; Equipes Universitárias; Início do Handebol no estado do Rio Grande do Sul; Handebol feminino; Cidades com maior visibilidade no Handebol; O papel da Federação Gaúcha de Handebol; Perspectivas para o Handebol; Handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; A importância do Handebol universitário; Perfil dos alunos; Envolvimento dos universitários com a prática do Handebol; Prática do Handebol nas Escolas.

Porto Alegre, 16 de dezembro de 2014. Entrevista com Alexandre Scherer a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Gostaria de iniciar, perguntando um pouco da tua formação e sobre como tu iniciou no esporte?

A. S. – Minha formação no esporte ocorreu nos anos 1970, ainda sobre regras do Regime Militar e da influência tecnicista. Ela foi forte, exatamente neste desenvolvimento esportivo. Eu consegui participar de vários esportes, mas dentre aqueles que me foram ofertados na Escola de educação fundamental, ensino primário na época, o handebol apareceu como uma possibilidade, além de outros esportes. Ele se desenvolveu mais dentro também das perspectivas de que o professor que estava ministrando a aula gostava mais daquilo, acreditava mais naquele esporte. Nesse meio tempo fomos campeões da Delegacia Regional da Coordenadoria que era em Gravataí e eu me mudei para Porto Alegre. Em Porto Alegre casualmente eu caí em uma escola forte de handebol, foi o Colégio São João¹ no ensino médio. E a partir daí eu passei dez, doze anos jogando handebol, a partir dessa vivência. Isso me influenciou para trabalhar na década de 1980. Eu cheguei a dar aula em escola onde o handebol tinha o seu espaço, trabalhei com equipes escolares e universitárias dentro dessa perspectiva, trajetória de handebol.

J. K. – Como tu enxerga a prática do Handebol nas escolas do Rio Grande do Sul?

A.S. – O Handebol é um esporte de grande potencial de aprendizagem. Ele trabalha vários elementos corporais, além da relação social, mas ele não tem um espelho nacional de desenvolvimento, quer dizer, nem como estrutura esportiva... Nós temos uma casualidade de sermos campeões mundiais, uma geração excepcional, que talvez tenha jogado um campeonato excepcional e as outras equipes não tenham jogado tanto. Eu não acompanhei esse processo. Está muito distante do que acontece na escola e o que acontece na seleção feminina, e isso não repercute na mídia, e não repercutindo na mídia não aparece, não temos novos incentivos. Algumas escolas e alguns professores, e eu vou centrar isso muito

¹ Colégio La Salle São João.

mais na ação do professor que gosta, que sempre gostou, que propõem, essas ainda funcionam. Mas, aquele que não tem na sua origem ter jogado handebol normalmente, ter efetivado uma caminhada, uma trajetória esportiva no handebol, é muito difícil que ele vá, em algum momento, desenvolver o Handebol na escola tanto na aula de Educação Física como no esporte escolar, que são duas coisas separadas. Eu vejo que ele é muito frágil, principalmente, na Educação Física Escolar que a gente vê hoje. É uma Educação Física muito mais de tom recreativo do que de tom formativo. Dentro desse espectro, digamos assim, dos quatro balizadores da Educação Física Escolar, futebol, vôlei, basquete, handebol, ele é o mais frágil dentro desses processos.

J. K. – Tu disseste que iniciou na década de 1970, tu chegaste a trabalhar como técnico de handebol?

A.S. – Em equipes escolares.

J. K. – Só em equipes escolares? Clubes não?

A.S. – E em equipes Universitárias, em clubes não.

J. K. – Nessa época como eram essas competições? Tinha visibilidade, as pessoas participavam dessas competições?

A.S. – Tinha muito mais gente envolvida ainda, muito mais gente influenciada por aquela década de 1970. Tu vias campeonatos que tinham vinte equipes. Os Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul era um grande evento, muita gente saía dos Jogos Intermunicipais e ia jogar os Jogos Abertos de Santa Catarina. Tinha uma determinada repercussão nesse sentido. Nós tínhamos Santa Maria como um polo nacional de handebol, para isso pense em toda uma estrutura financeira que uma universidade pública pode dar para o incentivo ao esporte, que naquela época eles tinham. Competimos, cheguei a ser, através de uma escola, quarto lugar no campeonato estadual, mas não avancei muito como técnico porque o técnico das equipes amadoras começou a fazer várias coisas, ele é multi...pluridisciplinar, e quando senti que tinha estes problemas, tu tinha que ver o ônibus, tu tinha que ver a

alimentação, tu tinha que ver o uniforme, era tudo centralizado na pessoa do técnico, a preparação física, a preparação psicológica, tudo em uma pessoa só, fora a parte técnica e tática da equipe. Então, isso começou a me desmotivar nesse sentido, mas a preocupação que eu tive dentro das participações escolares, ela vinha muito de integração com outras escolas, quer dizer, os jogos obrigatórios, os jogos... Vamos dizer assim, mais próximos do federado, eles não representam uma pequena equipe que treina duas horas por semana ou dois dias diferentes, jogar contra uma equipe que treina todo dia e jogar contra uma equipe que treina duas vezes por semana tem uma diferença *enorme*, com raras exceções tu vai mudar um perfil do esporte coletivo assim, e isso vai do investimento que a escola quer fazer no esporte, ou que o local quer fazer no esporte. O meu objetivo como técnico era levar as meninas para conhecer outros locais que elas tivessem a oportunidade de ganhar ou perder, mas dentro de um mesmo nível, um mesmo padrão. Eu fazia com a escola vários convênios, as escolas nos visitavam, nós íamos visitar as escolas e aquilo passou a ser o padrão efetivo. Quando isso mudou? Quando eu passei a ganhar, aí os objetivos passaram a ser outros. Para os pais e para os alunos, a expectativa começou a ceder, e quando tu ganha uma competição oficial, tu passa para outro patamar e não é o patamar que tu privilegia, tu estava privilegiando a integração, quando tu estava privilegiando a educação, a formação até de outros ídolos e não o combate e o embate. Nesse momento também que eu estava me relacionando com esse modo de equipe, eu já tinha outra formação, eu estava me encaminhando para o mestrado, já estava tendo um espírito crítico sobre a Educação Física, uma visão crítica sobre a Educação Física onde eu via um distanciamento entre o esporte escolar e a Educação Física escolar, que são dois momentos diferentes. Foi mais ou menos por aí a minha vida de técnico, depois tive mais umas experiências aqui no IPA², mas o esporte universitário está acabado, não tem como tu fazer qualquer articulação.

J. K. – Em uma das entrevistas que eu fiz, um dos depoentes cita que uma das equipes rivais da UFRGS³ era o IPA, essa equipe ainda existe?

² Instituto Porto Alegre.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A.S. – Não, a gente tentou ainda, as últimas estruturas para isso, elas foram articuladas na década de 1980, foi quando ainda tinha os Jogos Universitários Gaúchos de estudantes de Educação Física, em 1988 foi o último JUGEFE que teve. E sempre existiu uma rivalidade entre UFRGS, IPA e Santa Maria, porque os três é que detinham todos os troféus gerais do JUGEFE. Quem ficasse com cinco títulos alternados ficaria com o troféu geral, em 1988 se definiu na última JUGEFE, onde eu acho que Santa Maria tinha três títulos, a UFRGS tinha quatro e o IPA tinha quatro e alguém ia levar esse troféu. Esse troféu está aqui com a gente e eu estou tentando historicamente mantê-lo sob custódia. Aqui dentro nós temos o museu, e eu estou tentando manter as coisas vivas, que aconteceram na Educação Física aqui dentro do IPA, algumas coisas eu estou encaminhando para o CEME⁴, mas alguma coisa eu tenho aqui e até convido vocês se, algum dia quiserem conhecer o que a gente tem, de repente tem algumas coisas que possam ajudar. Eu fiquei com o compromisso pessoal de mandar reformar o troféu, e até nem sei onde ele está agora, mas eu estou cuidando para que ele não suma. Outra dificuldade que a gente vê no desporto universitário, é que normalmente os treinos... É que aqui a gente funciona principalmente à noite, então, imagina que na nossa época, a gente treinava depois da aula, saía às onze horas, treinava até a meia noite, uma hora da manhã e não tinha problema. Eu morava na Zona Norte e ia de ônibus para casa, hoje vai pedir para alguém fazer isso nessa hora, não tem, é muito difícil, aí tu consegue ainda reunir vinte do futebol que tem condições, pegam carona com os outros, tem carro, e consegue montar, mas fora isso é muito difícil tu conseguir montar um time de qualquer coisa, fora o futebol, universitário, porque a tendência... Pelo menos das instituições privadas é que o ensino foca-se na noite, ou tu treina um pouquinho antes, ou treina depois. E aí perde público por causa disso, não acontecem por falta de procura dos alunos, os alunos querem, mas a gente não consegue oportunizar, porque a gente monta e desaparecem as peças que a gente precisa.

J. K. – E em relação ao handebol aqui no Rio Grande do Sul, saberia me dizer quando ele iniciou? Ou o período de maior visibilidade, tanto em clubes, como em escolas? Quem trouxe o handebol para o Rio Grande do Sul?

A.S. – São várias teorias...

⁴ Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Sim!

A.S. – Eu acho que desses que tu está indicando, o professor Benno Becker Júnior é aquele que mais vai se aproximar de alguma coisa próxima do Handebol. Eu acho que até mesmo antes do Celso⁵. O Celso foi o grande expoente da década de 1970 e 1980. É quando a Universidade Federal patrocinava, ou investia nos professores para irem a Europa fazer curso com seus atletas, imagine que os atletas não ganhavam nada para jogar, mas tinha toda uma estrutura de treino de três horas por dia, seis dias por semana, e depois tu conhecendo ele, muitos deles se encaminharam para a Educação Física e até passaram como técnico da Seleção Brasileira. Tu vê a diferença estrutural, de ter intercâmbio internacional, de ter acessibilidade a material, a vídeos que na época era uma coisa muito difícil, então, se estabelece esta relação muito grande entre a equipe masculina de Santa Maria e as outras equipes do estado. A quantidade de treinamento que nós fazíamos em uma semana, eles faziam em um dia. O que é que acontece também? Vai criando uma rivalidade com São Paulo, e começam as dificuldades políticas da Confederação Brasileira, que se centra em São Paulo, ou centra fora de São Paulo e pega o Celso para técnico, se é em São Paulo, pega um técnico de São Paulo. E assim, a roda vai girando nesse sentido, e nesse momento era Santa Maria. Eu acho que historicamente no final da década de 1970, início de 1980 é o expoente máximo do handebol que a gente tem aqui. Alguma coisa do feminino, a gente andou ganhando algumas coisas no handebol feminino em nível nacional de categorias inferiores, mas quando chega no adulto, na categoria adulto nossas atletas se esvaem, ou porque entraram na universidade, ou porque estão com lesão, ou porque cansaram. A gente tem um aspecto desses aí de não conseguir mais avançar, ou chegar naquele mesmo patamar esportivo que a gente tinha.

J. K. – E em relação a quem trouxe o handebol para cá?

A.S. – Eu até acredito que o Benno vai dizer para vocês que ele foi um dos... Se não foi o *incentivador*, talvez ele seja um dos primeiros a ter trazido o handebol para cá. Tem outras versões, mas eu não estou lembrando, por isso eu tentei contato com outro amigo que

⁵ Luiz Celso Giacominni.

também é da minha época, e pode me dar uma dica de alguém. Tinha outro que estava entre o Benno, o Celso e essa outra pessoa... Deixa eu tentar resgatar depois.

J. K. – Tu falaste em relação ao handebol de mulheres. Tu achas que hoje o handebol feminino no Rio Grande do Sul é mais forte que o masculino? Ou ele atingiu um mesmo nível?

A.S. – Não, ele é mais forte que o masculino, o masculino quase não tem campeonatos. O masculino para tu arranjares equipes, para tu jogares é um caos, feminino continua se mantendo. Apesar de que eu não tenho acompanhado o movimento da federação, mas aquelas juvenis estão jogando adulto, e nesse sentido eles montam um campeonato federado adulto feminino, com jogadoras que estão no juvenil. Cansei de fazer isso como atleta, cansei de ver isso como técnico, mas o masculino é mais difícil. Tem alguns respingos em Caxias⁶ hoje, alguma coisa em Canoas, alguma coisa em Santa Maria, pelo que eu estou vendo. Mas, é muito frágil, não tem nem comparação com outros estados, que a gente tem um handebol bem mais desenvolvido.

J. K. – E em relação à projeção do handebol aqui no estado, quais seriam as cidades com maior projeção?

A.S. – Eu acho que o Vale dos Sinos⁷ no feminino, talvez Caxias que está conseguindo manter uma estrutura de handebol lá através da universidade. Se a universidade cortar, acaba. E parece que está vindo alguma coisa, com o Capilaton⁸ de Santa Maria, que está sempre tentando manter, sendo que a sua principal função que a gente conhece é de árbitro, ele é árbitro e técnico. E nesse sentido, faz muito tempo que eu não tenho contato com esse pessoal, eu sempre soube que ele mantinha a equipe tentando manter a tradição lá, um cara que tentava estabelecer estas relações, do handebol de Santa Maria. Eu acho que era isso, porque o restante não há nenhuma representatividade, fora em nível adulto, fora em níveis inferiores, aí sim, aí aparece o Vale dos Sinos em Caxias, mais possibilidades.

⁶ Caxias do Sul, cidade do estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Região metropolitana de Porto Alegre.

J. K. – E em relação ao papel da Federação Gaúcha de Handebol, qual seria a relação de visibilidade que ela proporciona a essa modalidade esportiva?

A.S. – Praticamente nenhuma. Entendeu? É uma Federação amadora, de fundo de quintal, não consegue patrocínio, não tem uma perspectiva de gestão profissional, quem está lá, está por amor, vamos dizer isso. Quem está lá estabelece uma relação possível, dentro do conhecimento deles, estão lá a muito tempo, acho que já se acostumaram com o trabalho. E pelo que eu tenho acompanhado um pouco, continuam os mesmo problemas de infraestrutura, quer dizer, marca um local, muda o local, marca a data, muda a data, aquilo que acontecia já na década de 1970, 1980 continua acontecendo nos dias de hoje. Quarenta anos se passaram, trinta anos se passaram e a gente continua enraizado nessa mesma estratégia. Melhorou um pouco quando um empresário que jogava handebol com a gente pegou a federal momentaneamente durante algumas gestões, e investiu em uma equipe em Porto Alegre, investiu na Federação, e aí a Federação cresceu como um todo, mas tinha uma estrutura para isso, como eu vou te dizer, um financiamento para isso, e esse financiamento vinha de empresa privada. Ali o esporte avançou, e hoje eu não consigo visualizar alguma coisa assim, algum patrocinador forte que venha estabelecer, vamos pensar assim, que isso não depende só da Federação, a Confederação tem muita culpa nisso, e não aproveita as oportunidades que o próprio Comitê Olímpico Internacional está proporcionando. O Comitê Olímpico trouxe os Jogos Olímpicos para cá, propôs um trabalho para a Federação, para a Confederação Brasileira, no feminino ele fez o trabalho, hoje são medalhistas campeãs. Entram as cinco melhores equipes do mundo, o masculino não fez isso, o masculino está em um outro patamar, vamos continuar perdendo de dez, quinze, vinte gols de uma seleção da Europa, o que não acontece mais no feminino. E está tentado colocar um patrocinador forte estatal dentro da seleção, mas com essa empreitada toda que está tendo no Brasil, sobre problemas na Petrobrás, problemas nos outros setores, está respingando também no esporte, como aconteceu com o Banco do Brasil essa semana.

⁸ Jorge Brandili Fernandes.

P. J. – O Iradil⁹ chegou a comentar conosco que ele está com uma tentativa de resgatar o handebol masculino em Santa Maria que já não é mais o ícone que já foi. A pouco tempo anunciaram o Mundial Júnior aqui no estado....

A.S. – Vamos ver se com a nova gestão do estado vai sair, porque a primeira coisa que eles fizeram foi cortar a Secretaria do Esporte.

P. J. – Era isso que eu queria te perguntar, será que a gente pode enxergar isso como uma perspectiva de melhora da Federação em relação ao handebol ou ainda não temos parâmetro para isso?

A.S. – Não, o handebol só deu certo naquela época, porque tinha um investimento da universidade pública. Imagina que naquela época os investimentos não eram para o PROUNI¹⁰, não era para o FIES¹¹, não era para bolsa de Iniciação Científica, era para investir no esporte dando aquela intenção, aquele olhar de que o esporte representaria o desenvolvimento do estado nacional. E com isso se formaram gerações boas em alguns esportes, o vôlei é o maior exemplo disso, na década de 1980 foi culminante eles chegarem a vice-campeonatos que alavancou o processo, e aí tem o dedo do Nuzman¹², por trás disso, coisas que a gente não teve no handebol. Nossa Confederação continua jogada no nordeste e como a gente diz: “embaixo de uma salinha do ginásio” e a nossa Federação não sai também da aba de Santa Maria e não sei também nem se alguém gostaria de pegar. Propostas nós temos, mas como eu vou dizer, já chegaram para mim e disseram: “Vamos pegar?” Eu disse: “Não”. Não tenho mais foco nisso, não é mais meu objeto, meu objeto é o ensino superior, então mudou a minha diretividade. E eu não vejo assim... O que é crescer no esporte? É usar o esporte para dar formação e educação. O que se quer no esporte no Brasil hoje, pelas políticas que a gente vê, inclusive do Ministério do Esporte dentro da escola, é estabelecer uma relação para descobrir talentos, entendeu? Então não é participação, inclusão, isso aí é tudo papo de Programa Segundo Tempo, o que se quer mesmo, é que a escola volte naqueles tempos áureos da década 1970, 1980, e volte a

⁹ Iradil Antonello.

¹⁰ Programa Universidade para Todos.

¹¹ Fundo de Financiamento Estudantil.

¹² Carlos Arthur Nuzman.

trabalhar o esporte como conteúdo único da Educação Física. A gente tem críticas sobre isso, achamos que o esporte pode trabalhar coisas, ensinar coisas para as crianças e para os adolescentes, mas não é conteúdo único mais, mas por pressões e até mesmo por história da Educação Física Escolar, nós continuamos tendo o esporte como o grande conteúdo da aula de Educação Física. Quero dizer com isso, que ele tem que sair da Educação Física Escolar? Não, ele tem que permanecer, mas tem que ser desenvolvido em outras coisas nas crianças hoje para trabalhar inclusão, responsabilidade, disciplina, todo esse processo. Qualquer estabelecimento de alguma relação do handebol, hoje no estado, está ligado a uma universidade, ou ao ensino superior. A própria UFRGS, no masculino, tem esse vínculo. Tenho acompanhado umas postagens do João¹³, e ele tem colocado os resultados dos jogos, está havendo uma movimentação. Eu também não sei como funciona, nem como funciona uma Federação, da onde vem os recursos, se vem dos clubes, vem do Ministério, como é que faz se é dividido, quem paga o que, quando, isso é uma coisa que eu não participo mais, não tenho vivência sobre isso para ficar discutindo e debatendo essas coisas.

J. K. – Em relação ao handebol universitário, saberia me dizer o ano que a disciplina de handebol iniciou na ESEFID/UFRGS? E porque ela foi incluída no currículo? Quem foi o primeiro professor da disciplina?

A. S. – Não sei quando iniciou o handebol na ESEFID. Talvez o Benno que saiba.

J. K. – Qual a importância do handebol no currículo universitário?

A.S. – Como disse anteriormente o Handebol desenvolve várias habilidades motoras e diversas possibilidades socializadoras. Também reflete a cultura europeia e sua descendência no sul do Brasil.

J. K. – Como você tu enxergava os alunos (perfil, características) que buscavam fazer a disciplina de handebol, sendo que ela, atualmente, é uma disciplina eletiva na ESEFID/UFRGS?

¹³ Nome sujeito a confirmação.

A.S. – Desconheço a realidade dos acadêmicos da UFRGS atualmente. O que tenho a colocar que o currículo é um espaço de luta e o handebol somente é uma disciplina optativa pois não houve professor que estabelecesse uma relação mais aprofundada com ela, apesar de existirem dois deles concursados para o cargo.

J. K. – A disciplina de handebol na ESEFID, sempre foi eletiva? Se não, porque mudou?

A.S. – A disciplina sempre foi obrigatória juntamente com os outros esportes coletivos.

J. K. – Acredita que a modalidade de handebol no currículo universitário, tenha aumentado à prática deste esporte nas escolas?

A.S. – Sim. Algumas sementes tem dado frutos que não vieram originalmente do handebol. É o caso dos professores Fabiani¹⁴ (Colégio Farroupilha) e Eduardo Massuti (Colégio Anchieta). Outros oriundos do handebol têm feito o papel na escola: Vera¹⁵, Serginho¹⁶, Maurício¹⁷, entre outros.

J.K. – Nos últimos anos o handebol tem ganhado mais destaque em competições mundiais, principalmente, a equipe feminina de handebol. Acredita que o destaque do Brasil nessa modalidade, traga mais visibilidade para essa prática esportiva nas escolas?

A.S. – O esporte de rendimento é uma “faca de dois gumes”. O importante é o resultado. Ter ido melhor na Olimpíada seria essencial, mas a estrutura esportiva no Brasil é deficitária. Sempre há um apelo ao se ganhar como no caso do Tênis com o Guga¹⁸.

J. K. – Para terminar teria mais alguma coisa que tu gostarias de compartilhar?

¹⁴ Fabiani Dias da Silveira.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Gustavo Kuerten.

A. S. – Pensando historicamente, certamente o esporte em si, ele teve o seu auge no final da década de 1970, início da década de 1980. Aqueles anos 1984, 1985, 1986, foram os que mais geraram gente para trabalhar e para praticar o alto rendimento no estado. E basicamente em Santa Maria, tanto no masculino, quanto no feminino. Sobre a história que eu posso captar é sobre essa história que eu vivenciei, antes disso eu entrei já atrás de uma ou duas gerações, já tinha uma ou duas gerações de atletas formados antes de mim. A gente acredita que o esporte deve ter começado lá por 1972, 1973, para formar essas primeiras gerações dentro desse perfil. A decadência esportiva que aconteceu a partir dos anos 1990, isso vai se articular com uma determinada obrigação de manter em currículo de formação, onde o handebol continua sendo trabalhado nas faculdades, universidades, mas quantos que vão trabalhar com isso? Essa é uma tendência que a gente pensa, talvez porque pessoas estão naqueles lugares específicos para trabalhar isso, talvez onde não tenha ele já comece a desaparecer.

J. K. – Então, nós agradecemos em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]